

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE UMA CIDADE E DE SEUS HABITANTES EM UMA REVISTA LOCAL

Flávio Passos Santanaⁱ

Márcia Regina Curado Pereira Marianoⁱⁱ

Resumo: Com o objetivo de observar como as estratégias argumentativas podem ser utilizadas para definir o *ethos* ou os *ethé* de uma cidade e de um povo e para tentar persuadir um auditório acerca de um determinado fato, analisamos, neste artigo, a reportagem “Lampião arrudiano Itabaiana: Ele nunca esteve aqui, mas saiba os fatos relacionado (sic) a Itabaiana”, publicada na revista *OMNIA* em maio de 2011, em que o orador tenta convencer o público leitor de que Lampião não invadiu o município de Itabaiana por nele existirem heróis mais perigosos do que o Rei do Cangaço. A partir da análise dos argumentos utilizados no texto, desvelamos as imagens discursivas de uma cidade valente e de um povo corajoso e orgulhoso de sua história e de sua cultura. Para tanto, utilizamos como pressupostos teóricos e metodológicos os estudos da Argumentação e Retórica, da Semiótica Discursiva e da Análise do Discurso francesa.

Palavras-chave: Ethos. Persuasão. Argumentação. Itabaiana.

Abstract: Aiming to observe how the argumentative strategies can be used to define the *ethos* or *ethé* of a city and people, and also to try to persuade an audience about a fact, we analyzed, in this article, the newspaper report “Lampião arrudiano Itabaiana: Ele nunca esteve aqui, mas saiba os fatos relacionado (sic) a Itabaiana”, published in the *OMNIA* magazine in May 2011, wherein the speaker tries to convince readers that Lampião didn’t invade Itabaiana due to the fact of other heroes more dangerous than him had already been to the city. Starting from the arguments used in the text, we reveal the discursive images of a city of a brave and courageous people proud of their history and their culture. So that, we used theoretical and methodological studies of Argumentation and Rhetoric, Discursive Semiotic and Discourse Analysis of French Speech as assumptions.

Keywords: Ethos. Persuasion. Argumentation. Itabaiana.

i Graduando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil, e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2012-2013 e 2013-2014) no projeto “Desvendando Itabaiana: análise das imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano. E-mail: flavio_cdb@hotmail.com.

ii Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil. E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com.

Introdução

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFS) intitulado “Desvendando Itabaiana: análise das imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano mais especificamente ao plano de trabalho “Itabaiana Cultural”, desenvolvido no período de 01/08/2012 a 31/07/2013, que teve como objetivo principal revelar possíveis *ethé* construídos em textos que retomam e valorizam a cultura local.

Itabaiana localiza-se no agreste sergipano e abriga o *campus* Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, desde agosto de 2006. A UFS-ITA integra o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo governo em 2007. Tendo em vista essa história recente, consideramos necessário conhecer melhor a cidade e seus habitantes, o que pode facilitar a interação entre a academia e a comunidade geral e direcionar pesquisas e ações docentes. No nosso caso, como analistas do discurso, conhecer melhor Itabaiana e os itabaianenses é conhecer o modo como se inscrevem nos textos, como se mostram pelos modos de dizer, já que os textos nos oferecem um conjunto de imagens, de representações, que simulam a situação de enunciação e que, sem remeter aos indivíduos empíricos, dão indícios do lugar que os enunciadorees ocupam na sociedade, dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, e revelam os pontos de vista desses sujeitos discursivos.

Neste trabalho, analisaremos a primeira parte de uma reportagem da revista *OMNIA* intitulada “Lampião arrudiano Itabaiana: Ele nunca esteve aqui, mais saiba os fatos relacionado (sic) a Itabaiana” assinada pelo jornalista e escritor Robério Santos. Detemo-nos na parte 1 de 3 que integra a 13ª edição, publicada em Maio/2011. Nesse fragmento, o autor fala sobre o fato de Lampião e seu bando não terem invadido as terras itabaianenses, apontando como motivo para isso a existência, no local, de homens perigosos, como Mata Escura. A referência a esses personagens, intencionalmente ou não, vai evidenciar a construção das imagens de uma cidade temida e de habitantes corajosos. Tendo como base teórica conceitos da Argumentação e da Retórica, da Semiótica discursiva e da Análise do Discurso francesa, mais especificamente estudos de Amossy sobre o *ethos*, nosso objetivo será verificar como as estratégias argumentativas foram utilizadas para construir esses *ethé* em busca da persuasão.

A OMNIA foi lançada em março de 2010, em Itabaiana, Sergipe, e está em sua 28ª edição (jul/2013). Por mês, são impressos 1000 exemplares, que tem uma circulação predominantemente local, mas possui assinantes de outros municípios. De acordo com seu diretor, “ela é 100% produzida em Itabaiana, desde as ideias até a impressão”, e “é mantida basicamente por propaganda”¹. O fato de a revista privilegiar principalmente histórias, lendas e acontecimentos ocorridos na cidade é o que justifica a escolha de nosso objeto de análise, visto que as reportagens e matérias publicadas nas edições da OMNIA revelam muito sobre a cultura do município.

1 Itabaiana, cidade de pistoleiros?

Itabaiana é considerada a cidade dos caminhoneiros, do ouro e da cebola. São diversas as imagens construídas desse município, no entanto uma delas se destaca negativamente, que é a de cidade violenta. Segundo Menezes (2010), essa má fama não surgiu agora, posto que, no decorrer de sua história, Itabaiana teve grandes bandidos e assassinos perigosos. Entretanto, não foi esse o motivo que acarretou essa reputação, já que em terras circunvizinhas residiam também homens que ameaçavam a ordem social.

O que realmente criou essa imagem foram acontecimentos dos anos 60. Menezes conta que, nessa época, Euclides Paes Mendonça e Francisco Teles (conhecido como Chico de Miguel) disputavam a hegemonia política do município. O primeiro mandava e desmandava na cidade, porém, no ano de 1963, Euclides Paes Mendonça e seu filho deputado, Antonio de Oliveira Mendonça, foram metralhados durante uma manifestação pública. Esse fato ganhou repercussão nos principais jornais do país, a exemplo de *O Estado de São Paulo* e do *Correio Brasiliense*. O resultado disso, politicamente, foi a ascensão de Chico de Miguel.

No entanto, os fatos que contribuíram para a construção desse conceito de cidade violenta não acabam por aí, já que, quatro anos após o ocorrido, Manuel Teles (arquirrival de Chico de Miguel) foi assassinado à queima-roupa na porta de casa pelo pistoleiro Antônio Letreiro e a culpa do crime recaiu

¹ Informações obtidas junto ao diretor da revista, Robério Santos, por meio de correio eletrônico, no dia 14/05/2013.

sobre Chico de Miguel, que foi preso, mas logo em seguida absolvido pelo júri por seis votos a um.

Ainda segundo Menezes, no ano de 1978, surgiu a emissora de rádio Princesa da Serra, na intenção de denunciar os abusos de Chico de Miguel e de seus aliados. Através das ondas de rádio, pelo estado de Sergipe e pelo sertão da Bahia, propagou-se a imagem de uma terra sem lei, em que tudo é resolvido na pistola. Nos dias atuais, essa má fama é sustentada pelo grande número de assassinatos que acontecem na cidade e que são repercutidos diariamente na imprensa local e regional.

Apesar de não ser sergipano, o nordestino Lampião é um símbolo nacional da violência. As histórias envolvendo seu nome não são poucas no estado e, particularmente, em Itabaiana, em que sua valentia pode ser colocada em questionamento diante da fama da cidade.

2 Lampião, bandido ou herói?

Ao contrário do que muitos pensam, Virgolino Ferreira, vulgo Lampião, não foi o primeiro cangaceiro da história, mas um dos últimos. No entanto, com certeza, o que mais se destacou. Lampião nasceu no ano de 1898, às margens do Riacho São Domingos, no município de Vila Bela, atualmente Serra Talhada, no estado de Pernambuco. Sua família vivia do criatório, da roça e da almocrevaria.

O sertão da região Nordeste sempre sofreu com a má qualidade de vida e com a pobreza que o clima seco proporciona. Por conta disso, naquela época, os habitantes não tinham oportunidades de bons trabalhos e eram explorados. Aconteciam várias rebeliões contra esse tipo de sobrevivência e pode-se dizer que essas foram circunstâncias propícias para o surgimento dos grupos de cangaceiros. Até o surgimento do bando organizado por Virgolino, o cangaço era apenas um fenômeno regional, mas Lampião, com seu atrevimento e destemor, tornou-se uma figura presente em noticiários diários por todo o país. Por essa razão, as autoridades sentiram-se publicamente desafiadas a executá-lo.

Sob constantes ameaças, Lampião saía com seu bando rodando o sertão nordestino, fugindo da polícia e amedrontando as cidades por onde passava. Sua crueldade, no entanto, parece muitas vezes ter sido esquecida, e há, nessa região, de um modo geral, um sentimento de orgulho por ter vindo do

Nordeste uma figura histórica tão conhecida. No imaginário local, para muitos, fixou-se a ideia de um valente vingador justiceiro que, de forma semelhante ao bandido Robin Hood, roubava dos ricos para dar aos pobres. Na literatura de cordel, um dos gêneros em que esse personagem é uma constante, parece sobrepor-se a imagem de herói à imagem de bandido, embora, segundo Clemente (2009, p.17), a crueldade dos cangaceiros seja reprovada pelos poetas de folhetos de cordel, “[...] pela perversidade, destruição de propriedades e mortes, inclusive de poderosos. (Os autores) Desaprovam, ainda, a quebra de certos valores tradicionais como o sacrifício de crianças, o ultraje de donzelas.”

Historicamente, a passagem de Lampião por terras itabaianenses não é comprovada. No entanto, sua presença frequente nos discursos locais, mesmo que não necessariamente nos leve a verdades, revela-nos, num jogo de representações que pode ser explorado pelos estudos retóricos e argumentativos, indícios das identidades discursivas de uma cidade e de um povo que não querem ficar de fora dessa história.

3 A Retórica: origem, evolução e diálogos

A Retórica surgiu no século V, em Siracusa, e viveu seu auge até o século XIX. Sua origem está ligada ao conflito e à controvérsia, já que serviu como ferramenta para proprietários poderem reaver suas terras que haviam sido invadidas. Embora, desde o seu início, esteja relacionada à argumentação, aos poucos foi se transformando apenas na “arte de bem falar”, assim, quase tudo que era persuasivo foi deixado de lado e restaram apenas os estudos das figuras, o que colaborou com sua desvalorização. O fato de a Retórica, na Antiguidade, estar voltada somente para a elaboração e a análise de textos orais, bem como o descrédito nos sofistas e a aparente relação da retórica com três gêneros específicos: o deliberativo, o judiciário e o epidítico são outros aspectos que levaram à sua decadência. Porém, Mosca (2001) nos diz que não podemos falar em morte da Retórica, por causa da longevidade das ideias aristotélicas, como confirmam estudos da argumentação publicados a partir da segunda metade do século XX, a exemplo do *Tratado da Argumentação- A Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, de 1958, que retomou conceitos do filósofo estagirita, adequou-os ao mundo moderno e abriu espaço para o diálogo entre esses fundamentos retóricos e outros

estudos do texto e do discurso, bem como entre aqueles e outras áreas do conhecimento, como a Educação.

Em sua essência, a Retórica não busca a verdade ou a falsidade dos discursos, mas a construção da verossimilhança, ou seja, de uma aparência da verdade, da representação feita nos textos por sujeitos que fazem escolhas linguísticas e discursivas mesmo sendo determinados sócio-histórica-culturalmente. Na Retórica, o enunciador (chamado, nesses estudos, de orador) não é um sujeito assujeitado, pois tem objetivos, pontos de vista, opiniões e consegue modificar seu enunciatário (o auditório), embora seja influenciado pela ideologia dominante; o orador é um sujeito de ação.

A eficácia de um discurso desse sujeito é medida pela escolha de determinadas estratégias argumentativas cujo intuito é provocar efeitos de sentido que possam levar à adesão do auditório, envolvendo, pois, tanto um *fazer persuasivo*, quanto um *fazer interpretativo*. Isso relaciona a argumentação ao nível narrativo dos textos de acordo com o percurso gerativo de sentido proposto pela Semiótica greimasiana, mais especificamente ao percurso da manipulação, em que um destinador busca conduzir um destinatário a uma mudança, a uma ação. Essa manipulação pode ocorrer de diferentes formas, sendo que todas têm o objetivo de levar o outro a entrar em conjunção ou disjunção com determinados objetos de valor que representam algo importante para o destinador e/ou para o destinatário.

De acordo com a Semiótica de Greimas, as manipulações podem se dar por tentação, sedução, intimidação ou provocação. Segundo Barros (2003), na intimidação e na tentação são oferecidos valores que o destinador acredita, respectivamente, temidos ou desejados pelo destinatário. Já na sedução e na provocação, o destinador apresenta imagens positivas ou negativas do destinatário relativas à sua competência, às suas habilidades ou qualidades. Partindo dessas possibilidades, os argumentos oferecidos por um orador a seu auditório podem caracterizar, geralmente, uma manipulação por sedução ou por tentação, na medida em que o orador constrói seu discurso tendo em vista o que ele considera ser desejado ou agradável por/para seu auditório, conforme reflexões vistas em Mariano (2007).

Em nossa análise, buscamos evidenciar esse diálogo possível, entre Retórica e Semiótica, e retomamos estudos contemporâneos sobre o *ethos*, um dos meios de persuasão apontados por Aristóteles, a partir do diálogo entre Retórica e Análise do Discurso de linha francesa.

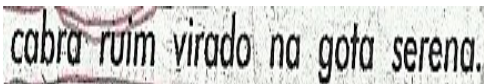

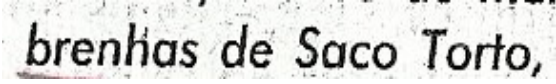
4 Análise das estratégias argumentativas em “Lampião arrudiano Itabaiana”

Começamos a análise do texto selecionado observando a utilização de figuras de argumentação e retórica, estratégias argumentativas inesperadas que buscam persuadir o auditório pela emoção. Mosca (2001, p. 37) diz que Perelman “considera as figuras segundo o fim a que se prestam na argumentação e as classifica em figuras de presença, figuras de seleção e figuras de comunhão”. As figuras de presença são aqueles argumentos que vêm para manter no texto a presença daquilo que está sendo falado, como acontece no uso excessivo de repetição e nas paráfrases, que têm como objetivo fazer com que o outro se convença pela exaustão. As figuras de escolha dizem respeito à seleção de estratégias linguísticas e discursivas; inclusive a opção pela abordagem de um determinado tema ou por variantes de um dialeto específico podem ser figuras de argumentação e retórica, caso provoquem a sensação de surpresa. Nas figuras de comunhão, espera-se que o outro se identifique com o argumento do sujeito enunciador; com essa finalidade, utilizam-se, por exemplo, conhecimentos compartilhados entre orador e auditório, o que parece ser um mecanismo muito empregado por nosso autor desde o início do texto.



Nessa primeira parte da reportagem sobre Lampião, o orador vai tentar explicar a não entrada do Rei do Cangaço em Itabaiana. Sua primeira estratégia é ganhar a confiança do auditório, estabelecendo a comunhão. Já no título e no subtítulo, é possível identificarmos a busca pela interação com o enunciatário, chamando-o de você, mesmo que de forma oculta no uso do imperativo “saiba (você)”, o que indica tanto uma figura de comunhão quanto uma figura de escolha. Deste modo, o autor instiga o leitor a *querer saber* como ocorreu a passagem do cangaceiro por essas terras. Outra estratégia que pode ser definida tanto como figura de escolha quanto de comunhão é a utilização de *arrudiano*, ao invés de *arrodeando*, que apresenta o uso de metaplasmos. Vê-se, nessa palavra, tanto uma síncope quanto o alçamento

das vogais médias, ocasionando uma harmonia vocálica. Esse termo pode ter sido empregado para causar o efeito de sentido de aproximação, por meio do uso da mesma variante linguística que o orador acredita que seu auditório possui. Não só essa expressão, mas outras como

1. 
2. 
3. 

são argumentos inesperados que têm o intuito de estabelecer uma identificação entre os sujeitos da enunciação.

Relacionando essas estratégias argumentativas ao percurso da manipulação da semiótica francesa, podemos dizer que o orador utilizou essas variantes fonológicas e lexicais como argumentos, e que esses, por sua vez, funcionam como objetos de valor positivos oferecidos ao destinatário em busca da adesão, ou seja, para que o auditório entre em conjunção com seu texto (tese/ideia). Também podemos dizer que há a presença da manipulação por tentação no título e subtítulo “Lampião arrudiano Itabaiana: Ele nunca esteve aqui, mas saiba os fatos relacionado (sic) a Itabaiana”, pois o destinador julga que o destinatário deseja “saber mais” sobre Itabaiana, já que os leitores da revista *OMNIA* são habitantes do município. Uma manipulação por provocação também não é descartada, na medida em que, ao mesmo tempo em que oferece informações ao leitor, o orador diz que este não conhece os fatos relacionados à sua cidade, desqualificando-o e provocando-o para que queira saber mais ou provar que já sabe. Observa-se, assim, nessa relação destinador-destinatário, todo um trabalho de modalização do leitor.

Tendo em vista, particularmente, as figuras de comunhão, podemos observar que o orador utiliza uma linguagem coloquial:

(1) “Começou basicamente quando o colonizador europeu chegou por essas bandas no século XVI trazendo a corja de malfeitores”;

(2) “Começou a montar suas barracas no litoral e explorando o interior em busca de ouro, prata, terra para o gado, lavoura e umas indiazinhas safadas para seu deleite”;

(3) “Assassino e ladrão profissional”;

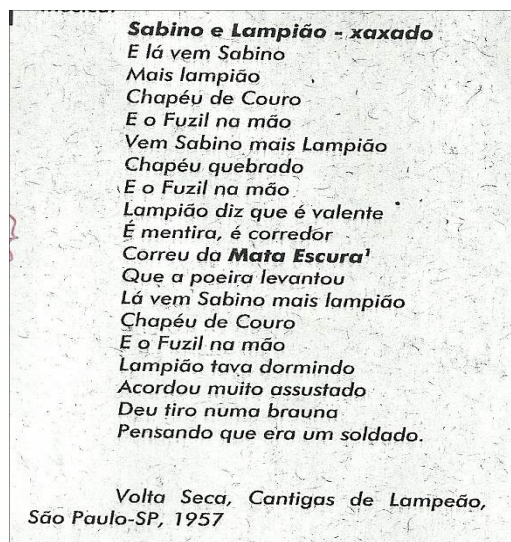
(4) “Foi aí que fiquei encucado desde minha adolescência, quando comecei a bisbilhotar as ideias históricas da terra da cebola”,

e emprega parênteses para comentários mais ou menos subjetivos: “(e também uns engraçadinhos que disseram que não há relação)”; “(primeira vez que a força foi usada em Itabaiana)”. Tais fatos reforçam a busca de comunhão com o leitor, no intuito de persuadi-lo a partir da aproximação.

As perguntas retóricas vistas ao longo do texto também instigam o enunciatário a saber mais sobre o motivo da não entrada de Lampião em Itabaiana, ao mesmo tempo em que estabelecem uma interação orador-auditório e já introduzem novos argumentos, como se vê nas seguintes perguntas: “Rômulo Remo ou Remo Dias?” (numa intertextualidade entre a lenda de fundação de Roma por Rômulo e Remo, que haviam sido amamentados por uma loba, e a história de fundação de Itabaiana, que tem na sua gênese a presença de Simão Dias, amamentado por uma cabra); “Por que o valente Lampião e seu bando nunca invadiram Itabaiana, já que aqui tinha tanta riqueza na década de 20 e 30?”; “Será que por medo do que podia encontrar aqui ou por ter amigos coiteiros no local?”; “Será que aqui a concorrência era grande por ter bandidos ou heróis demais?”, dentre outras.

Concomitantemente, ao valer-se de tais perguntas retóricas, o autor constrói a imagem de um leitor leigo (o *pathos*), que não conhece os fatos que serão expostos, mas interessado sobre o assunto e sobre a cultura local, e uma auto-imagem culta, mas, ao mesmo tempo, humilde, já que nivela sua linguagem à de seu auditório. Como o orador conhece seu público – habitantes de Itabaiana e de cidades circunvizinhas – e a revista diz respeito à cultura e à história local, é mais fácil para o autor construir uma imagem de seu leitor, saber o que ele conhece, do que gosta, em que acredita.

Com a finalidade de defender a tese de que Lampião não entrou em terras itabaianenses por medo, o orador usa como estratégia argumentativa a intertextualidade, e traz para a reportagem uma música composta por um dos integrantes do bando de Lampião, chamado Volta Seca. De acordo com o texto, este era itabaianense e teria entrado no bando com apenas onze anos de idade. Mais tarde, esse personagem tornar-se-á muito temido e cruel. Na tentativa de salvar um amigo ferido, Volta Seca será capturado por policiais e acabará sendo preso:



Essa música vai retratar as andanças de Lampião e suas características valentes, mas, ao mesmo tempo, retoma a existência de Mata Escura, itabaianense enforcado aos 25 anos, 50 anos antes do nascimento de Lampião, levado à forca por ter assumido nove assassinatos e outros crimes. No trecho da música, que diz “Lampião diz que é valente/ É mentira, é corredor/ Correu da **Mata Escura**/ que a poeira levantou”, a imagem de Lampião se torna contraditória: é valente ou medroso?

Quando o orador explica quem foi Mata Escura, que é, supostamente, citado na música, faz uso novamente da intertextualidade, por meio de uma citação entre parênteses:

caridades (citado em Vila de Santo Antonio de Itabaiana, do escritor Vladimir Souza Carvalho. Pg. 252, 2009. Aracaju-SE). Seu enforcamento se deu em frente à

Seu intuito foi comprovar a existência desse acontecimento em Itabaiana. Podemos dizer que tal recurso se caracteriza como uma figura de comunhão, já que o orador retoma um escritor sergipano que deve ser conhecido por seu auditório com o objetivo de corroborar o que disse com o peso de um argumento de autoridade.

O orador ainda tenta persuadir seu leitor por meio do uso das falácias, que, segundo Ferreira (2010, p.120), é “[...] quando parece que as razões

apresentadas sustentam a conclusão, mas na realidade não sustentam. As falácias, normalmente, são erros de raciocínio, mas podem ser utilizadas, por oradores, como mecanismos persuasivos”. Ao expor a música que Volta Seca compôs, o orador destaca em negrito e com iniciais maiúsculas **Mata Escura**, ou seja, dá ênfase ao nome do falecido itabaianense, conhecido como perigoso e temido, para tentar persuadir o leitor de que a não entrada de Lampião por Itabaiana tenha se dado pela má fama de Mata Escura. Essa ênfase, segundo Ferreira (2010), é quando o orador destaca uma palavra na intenção de levar o receptor ao erro por causa da aparente alteração de significado.

Nesse trecho, encontramos ainda a ambiguidade que, junto à ênfase, compõem o grupo das falácias, que são encontradas na *elocutio*. De acordo com a Retórica, a *elocutio* é a parte do discurso persuasivo em que as escolhas são feitas tendo em vista a adequação ao auditório e a provocação de paixões. O verso *Correu da Mata Escura* pode estar se referindo especificamente à mata, já que o bando de Lampião andava a pé e vivia sempre assustado, fugindo da polícia, ou ao personagem Mata Escura, que teria, mesmo depois de morto, assustado o bando. Como Volta Seca era itabaianense, devia conhecer a história desse personagem, e o temor provocado pode ter sido tão grande a ponto de Lampião e seu bando *arruviar* Itabaiana, mas não entrar na cidade.

A primeira hipótese pode ser baseada nos últimos versos da música: “Lampião tava dormindo/Acordou muito assustado/Deu um tiro numa braúna/Pensando que era um soldado”. Assim, o fato de ele estar dormindo, viver caminhando na mata e estar sempre fugindo da polícia culmina em acordar assustado e correr **da/na mata escura** (numa relação de causa e consequência), e não **do Mata Escura**, como sugere a reportagem. Podemos dizer que, dessa forma, o autor quer construir (ou reforçar) a imagem de Itabaiana como uma terra de homens valentes e perigosos, tanto que até mesmo Lampião não foi capaz de invadir a cidade, pois ficou com medo.

Na reportagem, podemos encontrar também o uso da polidez indireta, que, segundo Ferreira (2010, p.143), é:

[...] um ato comunicativo em que o orador deixa uma saída para si pela enumeração de interpretações defensáveis. Com essa estratégia, preserva a face e evita responsabilidades ao deixar uma interpretação por conta do auditório. Pode-se verificar, então, se o orador fornece pistas e sugestões indiretas, se explora as pressuposições, se, conscientemente, minimiza a expressão para não dizer tudo o que seria necessário [...] A impessoalização é a estratégia mais usada [...].

Essa estratégia é observável após o orador expor a letra da música e dizer que Volta Seca cita Mata Escura como alguém que desse medo, capaz de colocar Lampião para correr.

Lógico, pode ter sido inconsciente, mas o terrorista itabaianense do século XIX era algo que servia de inspiração para os pais dizerem em tom de ameaça a seus filhos: “Vá pro mato não, Mata Escura te pega”, da mesma forma que se fala de saci, caiporas e luzernas (OMNIA, 2011, p.10).

Nesse trecho, a polidez indireta está presente, já que o orador emprega a impessoalização e a modalização, preservando sua face e deixando uma interpretação por conta dos leitores da revista OMNIA ao dizer que Volta Seca *pode ter* utilizado a expressão inconscientemente. Além disso, ele fornece pistas e sugestões indiretas ao informar que os pais usavam essa expressão para amedrontar os filhos para que estes não fossem para o mato, comparando Mata Escura a seres fantásticos do folclore brasileiro, criando um possível, provavelmente falso (devido à generalização), silogismo: várias pessoas tinham medo do Mata Escura, Lampião era uma pessoa, Lampião tinha medo do Mata Escura.

5 A noção de *ethos* e a apreensão dos *ethé* de Itabaiana e dos itabaianenses

De acordo com Aristóteles (2011), são três os meios de persuasão “dependentes da arte”: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *logos*, segundo Ferreira (2010), a partir dos estudos filosóficos de Heráclito de Éfeso, passou a ter o conceito de razão. O estudioso nos diz que todo discurso é construído em torno de um tema, que é problematizado e gera questões. Nesse sentido, o *logos* se encarrega do discurso persuasivo, já que é a partir dele que evidenciamos o que parece ser verdade, levando em consideração o que se conhece sobre o assunto. O *pathos*, por sua vez, vincula-se à afetividade e vai remeter ao auditório, ao conjunto de emoções, às paixões e sentimentos que o orador é capaz de despertar no ouvinte. Por fim, o *ethos*, que está ligado à imagem que o enunciador constrói de si em seu discurso, à sua postura; é o lugar da identidade assumida pelo orador. De acordo com Ferreira (2010), modernamente, o termo sofreu ampliação no seu significado e é considerado como a imagem que o orador constrói de si e dos outros no seu discurso. Seguindo essa linha, podemos dizer que, ao enunciar, o autor não está construindo apenas a sua identidade discursiva, mas também a do povo

itabaianense, por ele representado, enquanto orador autorizado, já que a revista diz respeito à cultura e à história da cidade e de seus habitantes.

Ferreira nos diz que o primeiro ponto a ser observado na definição do *ethos* é a construção da imagem pública, ou seja, é importante verificar se o discurso do orador cria condições para que o auditório o julgue como digno de fé. Esse enunciador deve, ainda, ser capaz de suscitar confiança e para isso precisa demonstrar conhecimento da causa, honestidade e segurança. Aristóteles (2011, p. 122) nos diz que:

A confiança suscitada pela disposição do orador provém de três causas, as quais nos induzem a crer em uma coisa independentemente de qualquer demonstração: a prudência, a virtude e a benevolência [...] Conclui-se que todo aquele que é considerado detentor de todas essas qualidades [que atuam como causa] suscitará confiança em sua audiência.

Portanto, demonstrar sabedoria e domínio sobre o tema é essencial, bem como apresentar opiniões fundamentadas. Nesse sentido, o orador do texto analisado possui características que alicerçam positivamente o *ethos*, visto que demonstra saber bem sobre o que fala e expressa opiniões ao longo do texto, entre parênteses, conforme já explicitamos.

Privilegiando o estudo do *ethos*, Amossy (2005) nos diz que, para construir a imagem de si, o locutor não precisa falar dele mesmo, pois ela é apreendida a partir de seu estilo, das suas crenças e das suas competências linguísticas e enciclopédicas. Ao cunhar a noção de *ethos* prévio, a autora chama a atenção para o fato de que temos uma ideia antecipada do enunciador antes de ele proferir seu discurso, no entanto, é só a partir do discurso efetivo que essa imagem pode ser confirmada, destruída ou modificada.

O conceito de *ethos* prévio é relacionado por Amossy à noção de estereótipo, já que, muitas vezes, baseamo-nos em características convencionalizadas socialmente na *doxa* para traçar o perfil discursivo do orador. No texto analisado, vemos uma afirmação do estereótipo do nordestino “cabra macho” e do itabaianense perigoso e valente, imagens essas já estabelecidas discursivamente em outros textos, como nos que descrevem os crimes ocorridos nos anos 60 em Itabaiana e nos que relatam a saga de Lampião e seu bando. Observa-se, assim, que na reportagem em foco o autor usou tanto fatos históricos de Itabaiana, quanto outras histórias do imaginário local, para construir imagens de uma cidade temida e de homens

valentes e perigosos. É por meio desses *ethé* que o orador justifica o fato de o famoso Rei do Cangaço não ter tido coragem e audácia para invadir as terras serranas, por saber que no município havia homens como Mata Escura, que era tão ou mais valente quanto o próprio cangaceiro. Ao mesmo tempo, a reafirmação desse estereótipo revela um povo orgulhoso de sua história (ou de suas histórias), real e/ou fictícia, e de sua fama.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que somos sujeitos sociais, podemos afirmar que, ao enunciar, construímos, além do *ethos* individual, um *ethos* coletivo que nos identifica como participantes de um grupo, refletindo seus costumes, seus valores e sua ideologia (MARIANO, 2013). Nesse sentido, o autor da reportagem, por meio da utilização de figuras de argumentação e retórica e de intertextualidade, dentre outros mecanismos, constrói os *ethé* dos itabaianenses e da própria cidade, *ethé* caracterizados pela valentia, aqui “comprovados” em uma revista que se propõe divulgar a cultura e a história de Itabaiana.

Assim, podemos dizer, de acordo com as imagens discursivas evidenciadas, mostradas no modo de dizer, que o povo itabaianense tem orgulho de ter tido na sua história homens valentes e corajosos e de ser parte de um município cuja fama causa temor nas pessoas e nos bandidos de fora, como foi no caso de Lampião.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. et al. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 09-28.

ARISTÓTELES (384-322 a.C). **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BARROS, Diana. L. P. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003. p.187-219.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. **Lampião acesos: o cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009.

SANTANA, Flávio Passos; MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. A construção do ethos de uma cidade e de seus habitantes em uma revista local. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 74-88, dez.2013.

FERREIRA, L. A. **Leitura e Persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

INFONET. **Lampião**. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/lampiao>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

MARIANO, M.R.C.P. A construção da imagem discursiva de uma cidade e de um povo na literatura de cordel. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 42, v.3, p. 1377-1388, set-dez 2013.

_____. **As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas**. Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MENEZES, W. Crimes e mais crimes na construção da imagem de Itabaiana: cidade violenta e terra de pistoleiros. Itabaiana, 26 de fevereiro de 2010. In: **Blog Cultura de Itabaiana/SE**. Disponível em: <<http://culturaitabaiana.blogspot.com.br/2010/02/crimes-e-mais-crimes-na-construcao-da.html>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

MOSCA, L. do L. S. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e Desdobramentos. In: _____ (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 17-54.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1958].

SANTOS, R. Lampião arrudiano Itabaiana: Ele nunca esteve aqui, mas saiba os fatos relacionado (sic) a Itabaiana. **OMNIA**, Itabaiana, ed. 13, p. 10, mai. 2011.